

SINOPSE HISTÓRICA DO ADAGIÁRIO E PAREMIOLOGIA POPULARES PORTUGUESAS

por

Alzira Simões*

VOX POPULI, VOX DEI

“*Vozes do povo*, de quem serão?
Quem lhes deu corpo? Quem deu expressão
quase dogmática
– ora singela, ora enigmática –
à sua linguagem
numas, grosseira,
noutras subtil;
nestas, oriunda de alta linhagem,
naquelas, vinda de origem vil?”

Vozes do povo, serão de quem?
Tal qual no auto
do grande Gil,
De todo o Mundo... e de *Ninguém!*
E quer nos lembrem o agudo Paluto
quer nos recordem o bom Platão
muitas igualam
os doutos juízos de Salomão
e, assim como este, julgam e falam.

Vozes do povo, que vozes são?
sejam sisudas, sejam burlescas
são dicções breves e pitorescas
que, em frases feitas, cristalizadas
desde idos tempos, correm espalhados,
de boca em boca, por más e boas
bocas do mundo.
Razoar de coisas e de pessoas,
ligeiro agora, logo profundo!
São os logares selectos, uns,
outros, *comuns*
de tam vulgares e repetidos
que andam nos lábios
e nos ouvidos
de toda a gente – néscios e sábios.
Ditos dispersos, que posto achasseis
versificados

em rimas fáceis,
em metros pobres,
– embora, às vezes, de pés quebrados, –
melhor conseguem suster-se em pé
que outros de engenhos raros e nobres,
Visto que até,
obras sublimes, de estros gloriosos
hão de mais prestes cair no olvido que esses dizeres
– em estilo poído

de língua arcaica – sengos e diosos!

Vozes do povo! É bem sabido
que, se umas tomam como argumento
motejo frívolo e comezinho
ao qual revestem, como indumento,
de tom escarninho,
outras dir-se-iam na transcendência
dos pensamentos,
rasgos de génio, teses de ciência,
bronzas, solenes e lapidares
como legendas de monumentos.

Prístinas vozes que vêm de antanho!
Quantas, na ideia, bem singulares,

Quantas, na letra, de teor estranho,
se nos figuram
como de estirpe mais do que humana!

Vox Dei lhes chamam... E assim perduram
por toda a idade,
qual verbo eterno que do alto emana
nos imperiosos decretos seus,
para escarnamento da humanidade!
Vozes do povo... Vozes de Deus!”

Dr. Alfredo da Cunha in: “*Ditames e Ditérios*”

* Mestre em Sociologia, licenciada em Antropologia, encontra-se a realizar o Doutoramento em Ciências Sociais. Assistente do Ensino Superior – ISLA – Instituto Superior de Leiria.

“Les proverbes disent ce que le peuple pense”

(*Provérbio sueco*)

“Les proverbes sont les lampes des mots”

(*Provérbio árabe*)

“Un bon proverbe ne frappe pas aux sourcils, mais dans les yeux”

“Sans angles, pas de maison; sans proverbes, pas de paroles”

(*Provérbios russos*)

“Mais do que de contos de carácter tradicional, **abunda de adágios ou provérbios a antiga literatura portuguesa**”

*José Leite de Vasconcelos*¹

“As collecções e estudos dos provérbios não tem apenas a superficial curiosidade de mostrar o imprevisto, a graça, o pittoresco, o espírito objectivo dos provérbios. Não passariam de passatempo ou de mania. O **apreço que merecem, está na sua *dynamica*, na actividade do espírito colectivo que creou os adágios, os interpreta e mantém**. É um documento vivaz da psychologia portuguesa. (...); para o estabelecimento de normas, bases, apreciações de uma moralidade ancestral; para estudos assim divergentes, com a unidade de procedencia, se prestam os adágios no seu **duplo aspecto**, objectivo e subjectivo.”

*Luís Chaves*²

Neste artigo iniciar-se-ão algumas considerações acerca da possibilidade de elaboração de uma génese histórica da paremiologia³ e sinonímia da sabedoria populares portuguesas.

Não é meu intento esgotar o assunto, antes pelo contrário. Pretendo, tão somente, levantar o véu da temática que, só por si, é, por um lado, de difícil acesso, porque demasiado vasta e, por outro, de controvérsia entre os autores que, ao longo dos tempos, dela e com ela se têm preocupado. Apesar de se verificar que o estudo destes é um domínio muito pouco explorado.

¹ José Leite de VASCONCELOS, *Etnografia Portuguesa* (vd. bibl); Vol. – I, p. 236. O destaque a cheio é nosso.

² Luís CHAVES no prefácio à obra de Pe. António DELICADO, *Adágios Portugueses* (vd. bibl); pp. 20 e 21. O destaque a cheio é nosso.

³ Conceito que nos dicionários nos surge definido como “coleção de provérbios” ou “tratado acerca de provérbios”. Da mesma família linguística temos **paremiografia** – “coleção de provérbios; parte da Filosofia que trata dos provérbios”; **parémia** – adágios; alegoria; brocardo; parábola, provérbio; sentença; “espécie de ironia que consiste em significarmos um ditado ou sentença; uma coisa a que queremos aludir; curta alegoria ou provérbio” e, ainda **parémio** – “elemento de composição que traduz a ideia de provérbio”. Definições retiradas do Dicionário de António M. da SILVA, vol. IV, p. 192 (vd. bibl.)

Ana Cristina Lopes, na sua dissertação de doutoramento, é da mesma opinião:

“As pesquisas realizadas por investigadores portugueses sobre provérbios são, de facto escassas, e embora num ou noutro trabalho se encontrem alguns apontamentos linguisticamente pertinentes, o certo é que a maior parte deles se enquadra preferencialmente numa reflexão de índole filológica, e etnológica ou histórica”.⁴

É conveniente, antes de mais, conceder uma atenção especial para o uso de determinadas designações e para o modo ou a forma como as encararemos no decurso deste “ensaio”.

É corrente inserir-se no campo da **literatura oral** ou **oratura**,⁵ como alguns autores preferem denominar todas as expressões e composições que, por tradição, o povo escuta e transmite, de geração em geração. Todavia, julgo poder afirmar, que tal designação é, em parte, contraditória, na medida em que o termo **literatura** “é mensagem de arte expressa em palavra escrita, representada por *letras*”⁶. Contudo, sabe-se há muito, que os provérbios e toda a sua sinónima não se traduzem, por acordos gráficos.

Além daquela denominação, podem encontrar-se outras, como por exemplo: **literatura tradicional**, **literatura oral e tradicional** e, ainda, **literatura popular**.

Como se pode observar, ao vocábulo e substantivo **literatura** anexam-se os adjetivos: **tradicional**, **oral** e **popular**. No que concerne à denominação “**literatura tradicional**”, pretende-se, apenas, significar que se trata de literatura transmitida no decorrer dos tempos, de geração em geração, “mais ou menos antiga, anónima, que o vulgo vai transmitindo, com adições, supressões, invenções. Nela não tem lugar a criação recente. (...), subentendido seu carácter oral”⁷. A expressão “**literatura oral e tradicional**”, de acordo com Viegas Guerreiro, “não corrige a anterior e apenas explicita a ideia de oralidade”⁸. Quanto à última designação, “**literatura popular**”, partilho, pois, da mesma opinião de Viegas Guerreiro, uma vez que esta alberga um significado muito mais amplo, comparativamente às restantes. Aliás, e segundo o autor citado, “cabe (...) toda a matéria literária que o povo entende e de que gosta, de sua autoria⁹ ou não”¹⁰. Daí que, seja esta, a expres-

⁴ Ana Cristina Macário LOPES, *Texto Proverbial Português* (vd. bibl.), p. 8. A autora segue uma perspectiva linguística na análise dos provérbios. O destaque a cheio é nosso.

⁵ Desde a década de 80 que se tem preferido designar de **Oratura** a área mais próxima da Literatura tradicional oral. A consagração deste termo data, em particular, da publicação do número de *Littérature*, nº 45, Fevereiro de 1982, sobre «Les Contes – Oral/Ecrit – Théorie/Pratique». Informação colhida no artigo da RL (NS) de João D. PINTO – CORREIA, p. 23, (vd. bibl.).

⁶ Mário Viegas GUERREIRO, *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, (vd. bibl.); p. 9.

⁷ Mário Viegas GUERREIRO, op. cit., p. 10.

⁸ ibidem.

⁹ Entenda-se que não há, propriamente, criação colectiva (tal como nos refere Viegas Guerreiro), na medida em que pensamos que não se unem várias pessoas a fim de produzir literatura popular, pois, toda a criação literária tem, inicialmente, um só autor (letrado ou não) e só, mais tarde, quando transmitida de boca em boca, se torna anónima, impessoal e colectiva. Como afirma José H. M. PAULO (vd. bibl.), o “carácter colectivo do provérbio não lhe advém (...) de um criador colectivo mas sim de um sancionamento colectivo”, p. 9.

¹⁰ M.V. GUERREIRO, op. cit., p. 10.

são que mais vezes será utilizada no decorrer deste pequeno “Ensaio”, bem como a de **sabedoria popular**. Isto porque, se se considerar os provérbios como integrativos da literatura popular e esta, como o produto da sabedoria do povo, então os provérbios, são, igualmente, o resultado da sabedoria popular¹¹.

José Viale Moutinho segue, igualmente, a definição de Viegas Guerreiro no respeitante à **literatura popular**, designando-a de clássica e de cómoda “devido à consciência de pecar por falta de rigor, de autenticidade cedendo à facilidade de chamar *Literatura* a algo que é *oral* por natureza”¹².

Pode-se, deste modo, afirmar que os provérbios e seus afins (adágios, ditados, ditos, anexins, sentenças, etc., temáticas a explorar noutros artigos/ensaios a publicar posteriormente) são parte integrante da **literatura popular**, porque esta é “quase toda ela inventada para ser ouvida”¹³ e, sobretudo, porque engloba um conjunto de valores bastante importante. Prosseguindo na esteira de Viegas Guerreiro, poder-se-ão colocar estes valores por ordem de importância na seguinte seriação: “estético, pedagógico, linguístico, sociológico, histórico, psicológico e filosófico”. O autor, aludindo, ainda, ao facto de as pessoas procurarem a literatura popular com o intuito de se distraírem, afirma que são “pessoas de todas as idades e especialmente a infância e a juventude. E, com o divertimento, vem a moralidade, o ensino da experiência, que nos vão modelando o carácter e enriquecendo o saber. Os provérbios, por exemplo, não têm outra função”¹⁴.

Na realidade, grande parte dos autores consultados defende o carácter e a génese, eminentemente, popular dos provérbios. Carolina Michaëlis refere-se aos provérbios como “importantes criações do género popular” no artigo “Materiais para uma edição crítica do refraneiro português” na Revista Lusitana.

De facto, pode defender-se, que os provérbios aliam, na sua criação e/ou formação, bem como na sua prática ou uso, o popular e o erudito. Talvez seja este também o facto conducente de muitos autores defenderem a inclusão dos provérbios na **Literatura Popular**.

José Ruivinho Brazão, defende que não se pode “recusar o epíteto de populares aos provérbios que assim atravessaram os tempos na boca do povo e,”¹⁵ por esse facto, chegaram até nós. A comprovar o carácter popular dos provérbios temos o consenso geral das sociedades, bem como a própria literatura paremiológica que os classifica de populares e tradicionais, como defendido supra e observado pela grande generalidade dos autores consultados.

O autor em questão, prossegue afirmando a legitimidade da característica popular dos provérbios porque estes

“fixam, em arte e em síntese, uma experiência e uma leitura da vida, e constituem fórmulas que, pelo seu conteúdo e pela sua morfologia, se ajustam à sensibilidade do povo, e têm por isso a natural simpatia do mesmo. *Popular* ou *erudita*, qualquer que tenha sido a sua *origem*, os provérbios dizem-se, (...), legitimamente *populares*, (...),

¹¹ Contrariamente a Fernando Ribeiro de MELLO (vd. bibl.) que considera que, os provérbios e lugares-comuns, de populares só têm o nome.

¹² José Viale MOUTINHO, “ (O que resta da) Literatura Popular da Terra de Basto ” in: *Rurália* (vd. bibl.), p. 11.

¹³ M. V. GUERREIRO, op. cit.; p. 15.

¹⁴ M. V. GUERREIRO, op. cit., p. 31. O destaque a cheio é nosso.

¹⁵ J. R. BRAZÃO, *Os Provérbios nos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* (vd. bibl.), p. 299.

os provérbios podem dizer-se *populares* na sua própria origem ou por adopção (...)¹⁶”.

Autores há que, por vezes, incluem a literatura popular no **folclore**¹⁷ o que, em meu entender, não causa nem origina qualquer contradição pois, se se perspectivar este no sentido mais extenso e amplo do termo, ou seja, que o “**folclore**” designa **todos** os usos e costumes populares e tradicionais de uma dada sociedade e cultura. Aliás, o antropólogo e etnógrafo, Jorge Dias defende, nas suas ‘Lições de Antropologia Cultural’, que “o folclore é o ramo da etnografia que visa, em especial, a recolha e descrição das **tradições orais** (...) de qualquer povo.”¹⁸

Após estas breves considerações, pode elaborar-se um quadro sinóptico e histórico do adagiário e da paremiografia populares portuguesas.

“Não é indiferente para o presente estudo a questão ou antes questões respeitantes à **origem dos nossos provérbios**, que podem reduzir-se às seguintes principais: São eles herança de um passado mais ou menos remoto, no todo ou em parte? Terá cessado por completo desde mais ou menos longo tempo a capacidade de produção nova de provérbios? Se os provérbios são, pelo menos em parte, herança de passado (...), a quais dos elementos étnicos que se cruzaram no nosso solo ou a que povo que tenha influído no nosso desenvolvimento mental devemos atribuir a maior parte na sua transmissão? São os provérbios produto dos espíritos cultos ou do espírito popular, devemos admitir aqui uma acção recíproca?”¹⁹

Depois deste trecho de A. Coelho pouco se pode acrescentar à problemática da génese proverbial. Porém defendemos que, tentar chegar à origem dos provérbios é o mesmo (quicá, mais difícil) que procurar “uma agulha no palheiro”, aliás, como defende Ladislau Batalha, a origem da grande maioria dos provérbios perde-se na noite dos tempos. Daí que, não é nosso propósito atingir a génese dos provérbios. Há quem designe a procura de origem dos provérbios de “ênfatução”²⁰. Joaquim Lino da Silva defende, porém, que os provérbios de origem popular são em maior número que os de origem erudita. Julgamos, igualmente, que mais importante que a procura e a problemática da origem dos provérbios é a sua recolha. Recolha esta que deverá ser realizada de um modo sistemático, tendo em consideração todas as formas e variantes que surjam e, por último ordenar correctamente todos os provérbios. Contudo, não é sobre este assunto que nos ocupamos mas, sim, da problemática genésica do provérbio.

Lemos ou ouvimos algures que a **linguagem proverbial** é privilegiada, denominando-a, até, de **linguagem dos Deuses** (aliás, “*Vox Populi, Vox Dei*”, como a pena do Dr. Alfredo da Cunha a denomina) e, se a memória não nos trai, também Vico designava assim

¹⁶ J. R. BRAZÃO, op. cit.; p. 300.

¹⁷ “Vocábulo criado por W. J. Thoms (1846) para designar os usos e costumes populares que, numa sociedade tecnocientífica moderna, testemunham formas socioculturais antigas, (...)” in: *Dicionário Geral das Ciências Humanas* dirigido por G. Thines e Agnès Lampereur, p. 405 (vd. bibl.).

¹⁸ Jorge DIAS, *Estudos de Antropologia*, vol. I, p. 21 (vd. bibl.). O destaque a cheio é nosso.

¹⁹ Adolfo COELHO, *Obra Etnográfica*, vol. II (vd. bibl.), p. 235. O destaque a cheio é nosso.

²⁰ Joaquim Lino da SILVA, “Os adágios e a sua recolha”, (vd. bibl.) p. 161: “Considero tarefa cansativa e inglória a procura da origem dos adágios, só por si...”

os provérbios. Pretendendo-se, deste modo, significar que os provérbios e seus afins são de “origem divina a que os filósofos e sábios da Antiguidade terão recorrido para enunciar os seus princípios científicos e fixar os seus preceitos”²¹.

Na verdade, se se tiver em conta a história dos povos orientais, verificamos que foi o que sucedeu, bem como com os filósofos gregos, primeiro, e depois, com os romanos²².

Sabe-se que Júlio César possuía uma esplêndida coleção de provérbios, considerando-os mananciais riquíssimos de utilidade e de bom conselho para a vida prática.

Acerca da problemática da gênese e da própria definição dos provérbios, António Delicado propõe-nos 10 princípios:

“Também conheço as dúvidas que há sobre a verdadeira definição (...), na qual differem os Auctores, (...) como o nascimentos dos provérbios sejam muitos, não pôde uma definição comprehender a todos. São estes princípios, de onde os Provérbios nasceram: dez, segundo os que melhor consideram, 1 dos Oráculos, ou dos Profetas, 2 dos ditos dos sábios, 3 das fabulas dos poetas, 4 das Comedias, que se representam em theatro, 5 dos acontecimentos, 6 das historias, 7 das fabulas, em que os brutos animaes se introduzem falando, 8 das palavras ditas a caso, 9 dos costumes ou condições das gentes, ou do homem, ou da natureza dos brutos, ou das plantas, pedras, e das mais creaturas, 10 de alguma coisa preciosa ou a artificiosa, e vulgarmente conhecida por maravilhosa e insigne.”²³

As origens dos provérbios são inúmeras afirma Fernando Pires de Lima²⁴. Jaime Hespanha é da mesma opinião, apenas troca o “inúmeras” por “múltiplas”²⁵.

Para além disso, e de acordo com sacerdotes cristãos e diversos rabinos²⁶, o rei Salomão terá sido um dos mais autorizados e maiores colecionadores de provérbios, como aliás, o comprovam os Livros do Antigo Testamento – Livro dos Salmos, Livro dos Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico, Livro da Sabedoria. Alguns destes Livros são, de facto, atribuídos a Salomão. Contudo, existem autores que consideram esta atribuição errónea, porque aqueles Livros são, muito provavelmente, de produção anónima.

Todavia, terá sido na Idade Média que os provérbios começaram a ter divulgação e, segundo Francisco Carreiro da Costa, esta foi “a ponto de se popularizarem consideravel-

²¹ Francisco Carreiro da COSTA, no prefácio à obra de Armando CORTES-RODRIGUES – *Adagiário Popular Açoriano* 1º vol.; p. 9 (vd. bibl.).

²² José Joaquim Rodrigues de BASTOS na sua *Coleção de Pensamentos, Máximas e Provérbios* (vd. bibl.), no prefácio à 1ª ed. refere-nos “Cleobulo e Phocylides, entre os gregos; Syro entre os romanos” e, no prefácio à 2ª ed. acrescenta “(...) leiam-se os antigos philosophos, os mais acreditados moralistas, os mais abalisados doutores da Igreja, (...)”, p. VII-XI.

²³ Pe. António DELICADO, op. cit., p. 70.

²⁴ Fernando Pires de LIMA, *Adagiário Português*, (vd. bibl.), p. 4.

²⁵ Jaime HESPANHA, *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios* (vd. bibl.), p. X.

²⁶ “Os textos sagrados das grandes religiões começaram por ser uma copiosíssima coleção de provérbios, autênticos tratados de filosofia em forma, digamos, de pílula, ressaltado o devido respeito.” in: «Diz-me por que provérbios te reges» prefácio de Moisés Espírito SANTO à obra *Nova Recolha de Provérbios...* de Fernando Ribeiro de Mello (vd. bibl.); p. 51. A. Coelho, op. cit., p. 231, afirma que “Na Bíblia (...) há, além da coleção de sentenças chamadas *semelhanças*, *parábolas* ou *provérbios* de Salomão, muitos provérbios espalhados.”

mente e de, a partir daí, se tornar já possível a sua classificação em gerais e particulares”²⁷. No entanto, José Mattoso, parece ser de opinião contrária, no que se refere aos provérbios medievais portugueses, pois, diz-nos, na introdução à sua obra “não existindo recolhas medievais de provérbios portugueses (...)”²⁸. De facto, assim parece ser, visto que, poucas são as obras anteriores ao século XVI. No entanto, A. Coelho alude que nos “mais antigos monumentos da literatura portuguesa, os *Cancioneiros* dos séculos XIII e XIV, aparecem já alguns provérbios”.²⁹

A comprovar a afirmação de A. Coelho temos a recente dissertação de Mestrado de José Ruivinho Brazão que apresenta um estudo paremiológico e recolha de textos proverbiais nos *Cancioneiros* galego-portugueses.³⁰ O autor conclui que o seu estudo além de contribuir “para a compreensão da cultura proverbial na nossa Idade Média (...) deixou patente a profunda afinidade que se dá entre os provérbios e a poesia: repetição e síntese, obediência e criatividade, harmonia e ritmo, artifício e fogo, imaginação e vida caracterizam, (...), a poesia lírica galego-portuguesa e os provérbios que a mesma documenta.”³¹

Deste modo e nos *Cancioneiros*³² Trovescos, no *Livro de Monteria* de D. João I, no *Leal Conselheiro* de D. Duarte, podemos encontrar algumas referências. De acordo com o que Teófilo Braga apresenta no “Adagiário Português” da *Revista Lusitana* (RL) (1914 e 1915), bem como no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1470-1536) que o compilou em 1516 e o ofereceu a D. Manuel.

No século XV poderemos encontrar alguns provérbios na *Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes.

No século XVI podemos encontrar referências proverbiais nas obras dramáticas de Jorge Ferreira de Vasconcelos³³ (1515-1585), como por exemplo na *Comédia Olyssipo*, na *Comédia Eufrosina* e na *Auleographia* (editadas entre 1537 e 1554).

De acordo com A. Coelho é no séc. XVI que vemos surgir a primeira “coleção” dos nossos provérbios. Encontra-se, todavia na obra de um autor espanhol, Herman Nunêz de Gusman – *Refranes o Proverbios en Romance*, 1555 e o *Refranero Espanõl*, publicada por um seu discípulo, Leon de Castro, após a sua morte.

Vamos, igualmente, encontrar adágios ou provérbios em todas, ou quase todas, as obras teatrais de Gil Vicente³⁴ (1465-1536) e de Francisco Sá de Miranda³⁵ (1490/1-1558).

Encontramos, ainda, no século XVI, provérbios nos autos, de feição pós-vicevintina,

²⁷ F.C. da COSTA. op. cit.; p.9

²⁸ José MATTOSO, *O Essencial sobre os Provérbios Medievais Portugueses* (vd. bibl.), p. 5.

²⁹ A. COELHO, op. cit., p. 231. Provérbios esses que foram coligidos por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na *Revista Lusitana*, I, Porto, 1887, pp. 69-72.

³⁰ J. R. BRAZÃO, op. cit.

³¹ J. R. BRAZÃO, op. cit., p. 318.

³² “Coleção de canções e poesias de um autor ou vários (...); Os primeiros c. conhecidos guardam boa parte da poesia galaico-port. dos s. XIII e XIV. Os três mais famosos são o da Ajuda (1280), o da Biblioteca da Vaticana e o de Colocci-Brancuti (...)” in: *Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa* (vd. bibl.) p. 210 do 1º vol.

³³ Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, foi escrivão do Tesouro Real da Casa da Índia, tendo escrito uma novela e três comédias em cinco actos.

³⁴ Gil Vicente é considerado o criador do Teatro português. A sua personalidade é mal conhecida, devido ao facto de se confundir o comediógrafo com o personagem que lavrou a célebre custódia de Belém.

³⁵ Este autor, iniciou uma profunda renovação literária, tendo introduzido nova métrica, novas formas poéticas, e novas modalidades líricas, compondo peças de teatro à maneira clássica.

de António Ribeiro (O) Chiado³⁶ (1520-1591) e, sobretudo, nos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575-1596) de Gonçalo Fernandes Trancoso³⁷ (1515/20-1595).

No século XVII, a bibliografia paremiológica, apresenta-se em Portugal com diversas obras interessantes para o estudo do adagiário português. Estas não fazem referência, somente, aos provérbios “como fontes de preceitos morais mas igualmente cuidam já de coleccionar e classificar adágios ou provérbios”³⁸.

A primeira colecção de ditados populares que se publicou em Portugal está incluída no *Dictionarium Lusitanico-Latinum* (1611), de Agostinho Barbosa (1590-1649). Porém, o primeiro autor português a dedicar e a consagrar uma obra, exclusivamente, à colecção de provérbios foi, sem dúvida, o Padre António Delicado³⁹ (1610?-?), com a obra *Adágios Portugueses reduzidos a lugares comuns* (1651). Outro dos grandes coleccionadores do século XVII, foi D. Francisco Manuel de Mello (1608-1666) com as obras: *Carta de Guia de Casados e Feira de Anexins*⁴⁰. Podemos ainda aludir a, Frei Aleixo de Santo António (?-?) e à sua *Philosophia Moral – tirada de alguns provérbios ou adágios* (1640), bem como ao Pe. Bento Pereira (1605-1685) e ao seu *Florilégio dos modos de falar e adágios da língua portuguesa* (1655), onde se encontram alguns adágios mais comuns.

No século XVIII vamos encontrar, igualmente, obras que se dedicam à colectânea e classificação dos provérbios, sendo estas, obviamente, em maior número que no século anterior. Podemos, pois, destacar as seguintes obras: *Escola Decurial de Várias Lições* (composta de XII Partes publicadas entre 1696 e 1721, tendo sido reimpressas entre 1733 a 1736) de Frei Fradique Espínola (?-1708); o *Vocabulário Português e Latino* (1712-1728) em 10 volumes do Padre Dom Raphael Bluteau (1638-1734); os *Adágios selectos portugueses moralizados em um soneto a cada adágio* (1790) de Miguel do Couto Guerreiro (?-?). Contudo, a colectânea mais prestimosa deste século foi, sem dúvida, a de Francisco Rolland (?-?) – *Adágios, provérbios, rífões e anexins da língua portuguesa, tirados dos melhores autores nacionais e recopilados por ordem alfabética* (1780).

Quando se entra no século XIX apercebemo-nos que a bibliografia sobre esta temática⁴¹ “se apresenta como árvore cada vez mais frondosa, pois já não são apenas

³⁶ O termo “conccaním” (termo da região de Goa e Diu, região de predomínio português), que mais tarde veio dar “Chiado” – astúcia, solércia, parodiante, brinçalhão. Este autor era conhecido pelo “O Chiado” devido ao seu carácter jocoso e vida libertina que levava, passeando-se, despreocupadamente, por aquela Praça que leva hoje o seu nome – o Chiado. Além de se ter notabilizado pelo seu jovialismo na poesia, A.R. Chiado, foi actor e ventríloquo. “As suas farsas valem pelo pitoresco das personagens e pelo realismo da linguagem” in: *Mini Enciclopédia*, p. 180 (vd. bibl).

³⁷ Após ter perdido a esposa, dois filhos e um neto, na grande peste de 1569, Trancoso começou a escrever os *Contos...*; tornando-se um autor com êxito popular até ao século XIX.

³⁸ F.C. da COSTA, op. cit., p. 14.

³⁹ Diz-nos Luís CHAVES, no prefácio da obra de P. António DELICADO editada em 1923, o seguinte: «... foi este o que colligi com espirito, diríamos ethnographico ou restrictamente folclorico, os adágios. (...) o licenciado procura apresentar o adagio, por si, como coisa simples que é, nua e crua, sem mais artefícios que o da methodização.»; op. cit., p. 36 (vd. bibl).

⁴⁰ Luís CHAVES, acerca da *Feira de Anexins* refere: «Porque D. Francisco Manuel de Mello se serviu d’elles (os adágios) para o dialogo da Feira de Anexins, que á força de trocadelhos, dispersão do adagio, monotonia da fala, é um enfado»; op. cit., p. 38.

⁴¹ Como acontece, aliás, no resto da Europa, de acordo com o que nos diz François SUZZONI no *Dictionnaire de Proverbes et Dictons* (vd. bibl.): “Au XIX éme siècle, les dictionnaires se veulent historiques et étymologiques (...). Une nouvelle mutation s’est accomplie. Le proverbe d’objet de curiosité et de divertissement est devenu objet d’archive.”, p. 4.

colecções de adágios que nos aparecem mas estudos de tomo sobre o assunto”⁴². Daí que, apresentamos somente aquelas tidas como principais pelos vários autores consultados.

Temos, assim, o manuscrito de Dom Gaspar Lobo (?-?) *Adágios portugueses escolhidos e postos em ordem alfabética*,⁴³ datado de 1835; de Perestrela da Câmara (?-?), temos a *Colecção de Provérbios, Adágios, Rifões, Anexins, Sentenças Morais e Idiotismos da Língua Portuguesa*, cuja edição teve lugar em 1848 no Rio de Janeiro; em 1845 surge-nos a 1ª edição da *Collecção de Pensamentos, Máximas e Provérbios* pelo Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos (1777-1866); de 1856 podemos referir o *Ensaio Fraseológico ou Colecção de Frases Metafóricas, Elegâncias, Idiotismos, Sentenças, Provérbios e Anexins da Língua Portuguesa*, de Francisco António da Costa de Pina Manique⁴⁴ (1814-1823); e, para finalizar esta breve apresentação do que por Portugal se fez no concernente à temática proverbial no decorrer do século XIX, podemos aludir à *Filosofia Popular em Provérbios* (1882) que tem sido atribuída a Xavier da Cunha (1840-1920).

É, todavia, em meados do século XIX e início do XX que vemos surgir no panorama da etnografia e da historiografia literária portuguesas, os maiores vultos que, de um modo brilhante e notável, se dedicaram (diríamos mesmo “de alma e coração”) à recolha, pesquisa e estudo da sabedoria e literatura populares. Ao citar, apenas, alguns destes nomes, sabe-se que se deixam no esquecimento, imerecido, outros. Todavia, o nosso intuito, como se defende aprioristicamente, não é esgotar tal assunto e problemática.

Daí que, se colocam em destaque nomes como Almeida Garrett, Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, António Tomás Pires, Joaquim de Araújo, Sousa Viterbo, M.Dias Nunes, Pedro de Azevedo, Oscar de Pratt, Cláudio Basto, José Maria Adrião, Alberto Braga, Ladislau Batalha, Ana de Castro Osório, Falcão Machado, entre muitos, muitos outros. Dos nomes enunciados vamos, em seguida, apresentar as obras que directamente dizem respeito ao estudo paremiológico.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett⁴⁵ (1799-1854), apesar de não ter produzido obras, verdadeiramente, paremiológicas, não deixou de nelas introduzir o seu conhecimento dos ditos populares, nomeadamente, na tragédia *Frei Luís de Sousa*⁴⁶ (1844) e nas *Viagens na Minha Terra*⁴⁷ (1846).

Teófilo Braga (1843-1924), de seu nome completo Joaquim Teófilo Fernandes Braga foi, sem margem para dúvidas, um dos maiores etnógrafos da segunda metade do século XIX e dos primeiros anos da Primeira República.⁴⁸

⁴² F.C. da COSTA, op. cit., p. 15.

⁴³ No parecer de José Leite de VASCONCELOS, a maioria dos provérbios apresentados terão sido retirados da obra de Francisco Rolland.

⁴⁴ Fernando Pires de Lima em vez de “Ensaio” refere “Ensino”, bem como, não lhe chama “Costa” mas “Cunha”. No entanto, a obra consultada no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa é a que apresentamos.

⁴⁵ “Escritor e político”, nascido no Porto, “viveu exilado como liberal em Inglaterra e em França. Deputado (1837), cronista-mor (1838) e par do reino (1851), em 1852 foi, por alguns meses, ministro dos Negócios Estrangeiros. Criou o Conservatório de Arte Dramática e o Teatro Nacional. (...) inaugurou, em Portugal, o romantismo”. in: *Mini Enciclopédia* (vd. bibl.), p. 339.

⁴⁶ Considerada a sua obra-prima e a mais brilhante que o teatro romântico produziu.

⁴⁷ Com a qual renovou a prosa portuguesa.

⁴⁸ Segundo José V. Moutinho é a Teófilo Braga que “coube o papel pioneiro na recolha e estudo sistemático desta área, começando pela lírica popular, quando, em 1867, publica a *História da Poesia Popular Portuguesa* e o primeiro *Cancioneiro Popular Português*”, apesar de ao “Romantismo devemos

Das suas principais obras e artigos ligados à temática em questão, temos que destacar “A História de Portugal na Voz do Povo”⁴⁹ publicada na *Era Nova* em 1881, que anexa um conjunto de rifões de cariz político, muito em voga na tradição oral de então. Outra preciosa colectânea de anexins e provérbios dos séculos XII a XVI⁵⁰ vamos encontrar no “Adagiário Português”, secção da *RL*, entre os anos de 1914-1915. Obra, igualmente, importante não apenas no conjunto da Etnografia Portuguesa mas, também no que se refere à Literatura Popular Portuguesa são os dois volumes publicados em 1885 com o título: *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (vide nota 49).

Temos notícias, ainda, do “sistema filosófico de coordenação de refrões” elaborado por Teófilo Braga e cuja forma esquemática podemos encontrar no *Adagiário Português* de Fernando Pires de Lima.⁵¹

Francisco Marques Rosa de Sousa Viterbo (1845-1919)⁵², acarreou importantes dados para o estudo da paremiologia não apenas portuguesa mas, também, espanhola – “Materiais para o estudo da paremiologia portuguesa e espanhola” in: *RL*, 5 e 7, 1903 e “Subsídios para a formação do refranário ou adagiário português” in: *Portucale (Po)* 1, 1903.

Quanto a Adolfo Coelho (1847-1919), legou-nos um importante contributo ao estudo dos provérbios, nomeadamente, na sua generalidade, antiguidade e uso entre os Gregos e os Romanos, a sua presença nos Cancioneiros e nos escritores do século XVI e, ainda, algumas notas sobre a origem dos provérbios no seu artigo “A Pedagogia do Povo Português” na *Revista Portuguesa (P)* 1 de 1903.⁵³ Sobre este afirma Viegas Guerreiro o seguinte: “(...) e a sua notável explanação acerca da proveniência e evolução, desde a antiguidade, dos provérbios.”⁵⁴

Quanto a António Tomás Pires (1850-1913), conhecem-se, pelo menos, dez estudos, especialmente, dedicados às tradições alentejanas, onde o autor apresenta os ditados populares e, em alguns desses trabalhos, estuda as suas origens. Citemos alguns: “Calendário Rural” in: *RL*, 2, 1892; *Setecentas Comparações Populares Alentejanas*⁵⁵, Esposende,

o início do interesse pela recolha de colecções etnográficas e folclóricas, não tardando que esses escritos fossem designados de *Literatura Popular*. E em Portugal, (...), esta teve início justamente quando Garrett, (...), começou a publicar as suas *Versões* de Romances populares.”, op. cit., p. 11.

⁴⁹ Que na obra reeditada em 1985/86 pela Dom Quixote, na Colecção Portugal de Perto n.ºs 10/11 – *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, os capítulos I («modismos, anexins e adivinhas») e III do Livro III do 2.º vol. levando, este último, o mesmo título, isto é, «Contos, lenda, livros populares e História de Portugal na Voz do Povo», respectivamente, fornecem-nos dados úteis para o nosso trabalho.

⁵⁰ Recolhidos dos Cancioneiros e das Crónicas do Marquês de Santillana, e de diversas comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos, de Gil Vicente e de Ribeiro Chiado.

⁵¹ Acerca deste sistema já, em 1936, Alfredo Cunha fez referência no prefácio ao Dicionário de Jaime Hespanha. Tanto Alfredo Cunha como F. P. de Lima aludem que esta classificação de provérbios foi apresentada por Francisco Rodríguez Marín, na obra *Los 6.666 Refranes de mi última rebusca*, 1934, após este ter consultado T. Braga sobre o assunto.

⁵² Sousa Viterbo desenvolveu notável trabalho de pesquisa nos arquivos portugueses enquanto historiador e jornalista. Foi também arqueólogo e poeta parnasiano.

⁵³ Este texto está incluído na recente publicação da *Obra Etnográfica* de A. Coelho pela D. Quixote no vol. II, cap. III, pp. 227 a 250.

⁵⁴ M.V. GUERREIRO, op. cit., p. 84.

⁵⁵ Teófilo BRAGA, quando alude a A. Tomás Pires, faz referência a *Quatrocentas comparações populares alentejanas* que, segundo T. Braga “apresentam formas de modismos comuns à Itália, França, Espanha e Portugal, que mesmo no campo da linguagem espontânea põe em evidência a unidade étnica ocidental”; op. cit., p. 238 (vol. 2).

1892; *Calendário Rural. Ditados relativos aos Meses comparados com os Ditados Similares de vários Países Românicos*, Elvas, 1893; “Paremiologia” in: *Revista do Minho (RM)* 10, 1895; “Origem de várias locuções, adágios e anexins” in: *RM*, 12, 1897⁵⁶.

A Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), devemos, entre outros trabalhos, “Materiais para uma edição crítica do Rifoneiro Português” vindos a lume em 1887 no vol. I da *RL*. Neste estudo, a autora, apresenta-nos “uma série de subsídios para a história dos rifões portugueses, particularizando a idade, formação, sentido e teor original dos mesmos”⁵⁷. Noutro estudo – *Mil Provérbios Portugueses* (mais precisamente, 1011) –, publicado em alemão e editado em 1905, em Braunschweig e, somente traduzido, em 1986, por Maria Assunção Pinto Correia na *RL (NS)*, 7. Acerca deste último, Francisco C. da Costa, refere que “não apenas colecciona o referido milhar de provérbios como ainda os procura classificar em gerais, peninsulares e nacionais, além de nos explicar como eles têm sido utilizados na literatura culta e popular”⁵⁸.

No que concerne a José Leite de Vasconcelos (1858-1941), de seu nome completo J. L. de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo, é impossível citarmos todos os seus trabalhos acerca da paremiologia portuguesa. Os seus estudos neste campo terão tido início num opúsculo editado em Barcelos no ano de 1882. Adolfo Coelho refere-se a uma colecção de 166 provérbios publicados por Vasconcelos “com o título pomposo ” de *Paremiografia Portuguesa*. Bem como um *Florilégio de Provérbios, Adágios, Rifões, Anexins*, etc. na revista *O Elvense* (n.ºs. 348-65)⁵⁹.

José Leite de Vasconcelos legou-nos um manancial de tal modo vasto que, como referido, é impossível, aqui, enumerá-lo de um modo completo. Porém, podemos afirmar que na *RL*, entre muitas outras publicações do género, o autor deixou-nos bastantes elementos, bem como na sua *Etimografia Portuguesa* (10 vols.), nos *Opúsculos* (em particular no vol. VII), José Leite de Vasconcelos legou-nos matéria, mais do que suficiente, para uma outra dissertação.

Manuel Dias Nunes⁶⁰ (1809-1907), reuniu trezentos “Provérbios e Ditos” na *A Tradição (T)* 4 e 6, entre 1902 e 1904.

Pedro Augusto de S. Bartolomeu Azevedo (1869-1928)⁶¹ nos números 7, 8 e 10 (1902-1907) da *RL* tratou de determinadas particularidades dos provérbios.

Após o primeiro decénio do século XX, a produção de estudos acerca dos provérbios teve um impulso considerável. Citando alguns dos seus mentores temos, por exemplo:

– Oscar de Pratt (?-?) – *RL*, 15, 17 e 22 e *RM*, 22;

– Cláudio Filipe de Oliveira Basto (1886-1945) – “Folhinha Popular (Distrito de Viana do Castelo)” in: *RM*, 20, 1912; “Provérbios Populares” in: *Lusa (L)* 2 e 3, 1919 e 1920;

– José Maria Adrião (?-?) produziu um excelente trabalho no que concerne aos provérbios, ao realizar uma profunda análise das variantes portuguesas e de outros países,

⁵⁶ Estes elementos foram retirados do prefácio de F.C. da COSTA, op. cit., p. 16.

⁵⁷ F.C. da COSTA, op. cit., p. 15.

⁵⁸ *ibidem*.

⁵⁹ *A Justiça Portuguesa*, II ano, Porto, 1881, n.ºs. 120-22, 135.

⁶⁰ Poeta e folclorista de Serpa, Manuel Dias Nunes fundou a *Revista Tradição* em 1899. Também conhecido por Castor.

⁶¹ Arquivista e historiador, Pedro de Azevedo foi continuador de João Pedro Ribeiro e Alexandre Herculano, dando à imprensa, em colaboração com outros historiadores, por vezes, várias colectâneas de documentação, figurando, deste modo, entre os melhores especialistas do período que vai do séc. XIII ao séc. XVI.

recorrendo a documentos históricos que explicam os vários provérbios – “Retalhos de um Adagiário” in: *RL*, 19 a 33, entre os anos de 1916 e 1934;

– Alberto Leal Barradas Monteiro Braga (1851-?) “Vozes da Sabedoria” in: *Revista de Guimarães (RG)* 31, 1921;

– Ladislau Batalha (1856-1939) publicou, em 1924, uma *Introdução à História Geral dos Adágios Portugueses*;

– Ana de Castro Osório (1872-1935), que além de ocupar um lugar cimeiro no campo da literatura infantil da época⁶², deixou-nos “Alguns Provérbios Brasileiros e Portugueses” na *Po*, 1, 1928:

– Alfredo da Cunha com os seus *Ditames e ditérios*, 2 vols, 1929.

– e, para finalizar esta breve apresentação, podemos referir, ainda, Fernando Falcão Machado (1903-?), e o seu artigo sobre “Povos e Raças no Folclore Português” in: *A Feira da Ladra*, VI, 1934.

Dos nossos dias, isto é, contemporâneos, temos, igualmente, alguns etnógrafos que se dedicaram e/ou ainda se dedicam ao estudo, classificação ou mera colecção do adagiário português. Podemos referir, por exemplo, Luís Chaves, Pedro Chaves, José Augusto Pires de Lima, Afonso Duarte, Fernando de Castro Pires de Lima, entre muitos outros que, de um modo mais particularizado (diríamos até regionalizado), colecionam adágios ou provérbios por mera curiosidade. Aliás, nos últimos anos, têm vindo a ser publicadas obras de cariz menos científico (para não dizer que este nem existe!) e sem qualquer intenção de estudo aprofundado a não ser a pura e simples apresentação, por ordem alfabética de determinados provérbios que, de acordo com o “coleccionador”, se podem agrupar numa temática sem, no entanto, explicar ao leitor quais os critérios da sua selecção e inclusão. Como referenciámos no início deste capítulo, Luís Chaves (1889-1975) fez um estudo da obra de P. António Delicado em 1923, além de nos presentear com uma gama bastante variada de estudos sobre esta problemática, como por exemplo: “S. Martinha e S. Martinho” in: *Revista Portugal*, série A, A Língua Portuguesa (ALP), V, 1937-39; “Nos Domínios da Etnografia e do Folclore” in: *Revista Ocidente (RO)* 10, 1940; 42, 1952; 46, 1954, onde nos apresenta algumas considerações acerca do homem e dos animais no adagiário português; “Velerismos” in: *Revista de Etnografia (RE)* 13, 1966.

De Pedro Chaves (?-?) basta aludir ao seu *Rifoneiro Português* (1945 – 2ª ed.) onde nos apresenta mais de 11000 adágios, por ordem alfabética e por assuntos, como sejam: “Previsão do Tempo”, “Meses do Ano”, “Agricultura”, “Justiça e Tribunais”, e “Higiene e Medicina”. No entanto, não realiza qualquer estudo aprofundado dos mesmos, ficando-se, tão somente, pela colectânea.

José Augusto Pires de Lima (1877-?) traz a lume, em 1946, um tomo assaz curioso e interessante – *O Corpo Humano no Adagiário Português* –, confrontando os provérbios alinhados com alguns brasileiros e espanhóis, socorrendo-se, para tal, de autores como Mário Lamenza e António Castillo de Lucas⁶³.

Afonso Duarte (1886-?), poeta que, em 1958, apresenta-nos na sua obra *Um Esquema do Cancioneiro Popular Português*, uma preciosa “Colheita de Provérbios ou Sentenças que se incorporam no cancionero popular”, num total de 80 exemplos.

Mais actual que os anteriores é o título *Adagiário Português* (1963) de Fernando de Castro Pires de Lima (1908-), cujo prefácio, erudito na opinião de F.C. da Costa “constitui

⁶² Com a sua Biblioteca Infantil *Para as Crianças* em 18 volumes, editados entre 1897 e 1935.

⁶³ *Provérbios*, Rio de Janeiro, 1938 e *Refranero Médico*, Madrid, 1944, respectivamente.

uma notável contribuição para o estudo do assunto”⁶⁴. Ou ainda, e somente para citar alguns títulos mais recentes:

– Fernando Ribeiro de Mello – *Nova Recolha de Provérbios e outros Lugares Comuns Portugueses* (1974), tendo sido reeditada várias vezes, encontrando-se, presentemente esgotada. Numa dessas reedições, nomeadamente na 2º ed. de 1986, o etnógrafo Moisés Espírito Santo apresenta, no prefácio “Diz-me por que provérbios te reges”, a sua classificação;

– Maria de Sousa Carrusca – *Vozes da Sabedoria* em 3 volumes de 1974 a 1976;

– Dr. António Borges de Castro – *Rumo Certo – para a prática da vida*, Estudos Mondinenses IV (1977) onde o autor compila provérbios e adágios referentes quase exclusivamente à região de Mondim de Bastos que, generalizando, poderá representar de uma forma bastante lata a Região Norte do país;

– Armando Cortes-Rodrigues *o Adagiário Popular Açoriano* (1982) apresentado em 2 volumes, cujo autor do prefácio temos vindo a referenciar no decorrer deste capítulo, falamos de Francisco Carreiro da Costa;

– António Jacinto Ferreira – *Os Animais no Adagiário Português* de 1985;

– José Mattoso e o seu estudo acerca *d’O Essencial sobre os Provérbios Medievais Portugueses* de 1987;

– Joaquim Lino da Silva “Os Adágios e a sua Recolha” na RL (NS), 10, 1989.

– “Provérbios: O “Eterno Retorno” de Ana Cristina Macário Lopes, numa apresentação ao colóquio de Literatura Popular Portuguesa em 1992.

– *Sabedoria Popular Provérbios e Alguns Ditos*, escolhidos e apresentados por Fernanda Costa Franco, 1995.

– O livro dos Provérbios Portugueses (emitário) – recolha e organização de José Ricardo Marques da Costa, de 1999.

Apesar de não se encontrarem publicadas, citamos as dissertações, quer de mestrado, quer de doutoramento de:

– Ana C. M. Lopes *O Texto Proverbial Português* de 1992;

– *Os Provérbios nos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses* (1993) de José Ruivinho Brazão;

– e *A Função dos Provérbios em Português e em Alemão* (1993) de Maria Gabriela Cabral Bernardo Funk;

Isto para aludirmos, somente a alguns porque, nos dias que correm, “são (...), dezenas, centenas de estudos sobre o adagiário, particularizando variadíssimos aspectos, como o mar, o tempo, a mulher, as profissões, os animais, etc., e com base em determinadas regiões e localidades, pelo que (faço minhas as palavras do autor) se tornaria enfadonha a sua enumeração”⁶⁵. Aliás, na passagem do século XIX para o actual, já Carolina Michaëlis de Vasconcelos, ao falar dos ditados populares, se referia nos seguintes termos: “uns espalham-se por grande parte do mundo, outros usam-se em partes limitadas do globo, outros são característicos de cada nação, e alguns apenas se empregam em certa região dum país”⁶⁶, o que denota, em parte, a riqueza e a quantidade de variantes que poderão advir do simples facto de em toda e qualquer parte do mundo se poderem encontrar formas proverbiais passíveis de serem recolhidas, interpretadas e analisadas, ou simplesmente,

⁶⁴ F.C. da COSTA, op. cit., p. 17.

⁶⁵ ibidem.

⁶⁶ José Correia do SOUTO, *Dicionário da Literatura Portuguesa* (vd. bibl), p. 86, vol 2.

coleccionadas, pelos mais diversos autores e curiosos.

Em suma, aqueles que queiram encetar uma investigação mais detalhada e apurada no concernente a autores de estudos sobre paremiografia, colectores e subscritores do provérbio, poderão e deverão seguir o percurso seguinte⁶⁷:

Séculos XIII e XIV

Recorre aos *Cancioneiros da Ajuda, da Biblioteca Nacional* (Colocci-Brancuti) e ao *C. Português da Biblioteca Vaticana*.

Século XV

Cancioneiro Geral de Garcia de Resende e *Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes.

Século XVI

António Ribeiro Chiado; D. Francisco de Portugal; Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Século XVII

Fr. Aleixo de Santo António; Pe. António Delicado; Pe. Bento Pereira; D. Francisco Manuel de Melo; João Ferreira de Almeida e Pe. Manuel Bernardes.

Século XVIII

António José da Silva; Miguel do Couto Guerreiro e Pedro J. Supico de Morais.

Século XIX

Brito Camacho; Camilo Castelo Branco; Francisco A. de Pina Manique; Ladislau Batalha; Rafael Bordalo Pinheiro; Rebelo da Silva; Sousa Viterbo; Teófilo Braga; Trindade Coelho e Xavier da Cunha.

Século XX

Alfredo da Cunha; António Correia de Oliveira; Aquilino Ribeiro; Brito Ribeiro; Cláudio Basto; Falcão Machado; Gomes de Brito, Gomes Ribeiro; João de Araújo Correia; João da Silveira; José Diogo Ribeiro; José Leite de Vasconcelos; José Maria Adrião; José Sebastião Delgado; Júlio Moreira; Pedro de Azevedo; Pedro Chaves; Augusto Pires de Lima; Reis Dâmaso; Silva Tavares; Maria de Sousa Carrusca; António Borges de Castro; Vitorino Nemésio; Fernanda C. Franco; Ana Cristina M. Lopes; Joaquim Lino da Silva; José Ruivinho Brazão; Maria Gabriela Cabral B. Funk, entre outros autores mais actuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, José Maria – “Retalhos de um Adagiário” in: *Revista Lusitana*, Lisboa: XIX, 1916, pp. 40-62; XX, 1917, pp. 298-315; XXI, 1918, pp. 33-57; XXIII, 1920, pp. 107-130; XXIV, 1921-22, pp. 227-256; XXV, 1923-25, pp. 75-127; XXVI, 1927, pp. 211-246; XXVII, 1928-29, pp. 198-242; XXIX, 1931, pp. 107-158; XXXII, 1934, pp. 5-55.

ALMEIDA, João Ferreira de – *Provérbios de Salomão*, traduzidos em Português por J.F.A.; nova Ed. revista e corrigida; Lisboa; Sociedade Astória, Lda; 1967.

BASTOS, José Joaquim Rodrigues de – *Colecção de Pensamentos, Máximas e Provérbios*; 3ª ed. aumentada de muitos artigos, assim extrahidos de diversos authors, como

⁶⁷ Os elementos deste percurso são retirados da obra de Maria de Sousa CARRUSCA, op. cit., vol. I, p. 63, e que esta designa de “Círculo do Provérbio” – achega para o estudo respectivo. Aos dados da autora acrescentámos alguns dos autores mais recentes.

- originaes; Porto; Em casa de Cruz Coutinho-Editor; 1854 (1ª. ed. 1845); 284 p.
- BATALHA, Ladislau Estevão da Silva – *História Geral dos Adágios Populares* – com um estudo preambular do Dr. Agostinho Fortes; Paris-Lisboa; Livrarias Aillaud e Bertrand; 1924; 326p.
- BLUTEAU, Dom Raphael – *Vocabulário Português e Latino*; 10 Tomos Coimbra/Lisboa; 1712 – 1728; colégio das Artes da Companhia de Jesus.
- BRAGA, Teófilo – “Adagiário português” in: *Revista Lusitana* XVIII; 3-4; Lisboa; 1914; pp. 225-274. “Anexins do Séc. XIII e XIV” in: *Revista Lusitana*; XVIII; 1-2; Lisboa; 1915; pp. 16-64.
- BRANDÃO, Alberto – *Sentenças, Máximas e Reflexões*, s. e.; Ed. do autor; 1924; 125p.
- BRAZÃO, José Ruivinho – *Os Provérbios nos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*: estudo paremiológico e recolha de textos; (Texto policopiado); F.L.U.L.; Lisboa; s. n.; 1993; 3 top.
- CÂMARA, Perestrelo da – *Colecção de Provérbios, Adágios, Rifões, Anexins, Sentenças Morais e Idiotismos da língua Portuguesa*; Rio de Janeiro; 1884.
- CARRUSCA, Maria de Sousa (coord. de) – *Vozes da Sabedoria*; 3 vols.; Lisboa; União Gráfica; 1974/1976.
- CASTRO, Dr. António Borges de – *Rumo Certo – Para a prática da vida fácil de consultar é o maior adagiário regional em Portugal e Brazil – 3020 provérbios e adágios* – coordenação alfabética e índice remissivo; Porto; ed. do autor; 1977; 103p.; Col. Estudos Mondinenses IV.
- CHAVES, Pedro – *Rifoneiro Português*; Porto; Ed. Domingos Barreira; s.d. (2ª ed); 458p.; Col. Folclore e Pedagogia nº. 3; 1ª. ed. 1928.
- COELHO, Adolfo – “Os Provérbios em Geral” – Cap. III da *Obra Etnográfica* vol. II – Cultura Popular e Educação; Org. e pref. de João Leal; Lisboa; Publ. D. Quixote; 1993; pp. 227 – 250; col. Portugal de Perto nº. 28.
- CORREIA, António Simões – *Dicionário de Adágios e Princípios Jurídicos* – 2 vols.; Lisboa; Editorial Império; 1957/58; 459p. + 489p.
- CORTES, Rodrigues Armando – *Adagiário Popular Açoriano* – 2 vols; Angra do Heroísmo; Ed. Antília/Secretaria Regional da Educação e Cultura; 1982.
- COSTA, Francisco Carreiro da – “Notícia sobre o adagiário Popular Português: A presença do Adagiário Popular Açoriano”, prefácio à obra de Armando CORTES-RODRIGUES – *Adagiário Popular Açoriano*; 1º vol; pp. 9-41; Angra do Heroísmo; Ed. Antília/Secretaria Regional da Educação e Cultura; 1982.
- COSTA, José Ricardo Marques da – *O Livro dos Provérbios Portugueses*; Lisboa; Ed. Presença; 1999.
- CUNHA, Alfredo – *Ditames e Ditérios*, – 2 vols.; Lisboa; Empresa Nacional de Publicações; 1929.
- CUNHA, Xavier da – *Filosofia Popular em Provérbios*; Lisboa; David Courazzi editor; 1882; biblioteca do povo e das escolas; 6: 45; 63p. (Apesar do nome do autor não figurar na obra, pensa-se que é da autoria de Xavier da Cunha).
- DELGADO, Manuel – “O Valor dos Adagiários – O provérbio e a sua expressão linguística” in: *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore*, promovido pela Câmara Municipal de Braga (22 a 25 de Junho de 1956) vol. III; Lisboa; 1963; Junta de Acção Social, Plano de Formação Social e Corporativa, col. Bibl. Social e Corporativa nº 27; pp. 309-323.

- DELICADO, Pe. António – *Adágios Portugêses Reduzidos a Lugares Comuns* – nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves; Lisboa; liv. Universal; 1923; 272p.
- ESPÍNOLA, Fradique – *Escola Decurial de Várias Lições*; Lisboa; 1707.
- ESPIRITO SANTO, Moisés – “Diz-me por que provérbios te reges” prefácio à 2ª edição de *Nova Recolha de Provérbios Portugueses e outros lugares-comuns*; de Fernando Ribeiro de MELLO; pp. 49-62; Lisboa; Ed. Afrodite.
- FABIÃO, L. Crespo – “Os Provérbios estão Moribundos?” in: *Revista Tempo Livre*, nº 46, Dezembro 1994; INATEL; p. 87.
- FERREIRA, António Jacinto – *Os animais no adagiário Português*; Lisboa; Direcção-Geral da Comunicação Social; 1985; 90p.
- FRANCO, Fernanda Costa – *Sabedoria Popular-Provérbios e alguns ditos*. Escolhidos e apresentados por F.C.F.; Tavira; ed. da autora; 1995; 153p.
- FUNK, Maria Gabriela Cabral Bernardo – *A Função do Provérbio em Português e em Alemão*: análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados; P.D.; Universidade dos Açores; 1993; 396 + 5p. (Texto Policopiado); Ponta Delgada; 1993.;
- GAYO, Cap. Isidro António (Ordisi) – *Calepino de Provérbios Ordenados de Pedro Chaves*; Lisboa; ed. Tertúlia Edípica; 1959; 148p.;
- GOMES, Manuel João – *Nova Recolha de Provérbios e Outros Lugares Comuns Portugueses*; Lisboa; ed. Afrodite; 1974.;
- GUERREIRO, Miguel do Couto – *Adágios Selectos Portugueses Moralizados em um Soneto a cada Adágio*; s.l.; 1790.
- HESPANHA, Major Jaime Rebelo (coligido por) – *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*; Famalicão; Tip. Minerva; 1936; 255p.
- JUNIOR, R. Magalhães – *Dicionário brasileiro de Provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro, Ed. Documentário; 1977 (4ª. Ed.); 330p.
- IDEM – *Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos* bem como de curiosidades verbais, frases feitas, ditos históricos e citações literárias, de curso corrente na língua falada e escrita; Rio de Janeiro/Lisboa; Ed. Documentário/Seleccções do Reader's Digest; 1982 (3ª ed. 330p.)
- LAMENZA, Mário – *Provérbios*; Rio de Janeiro; 1938.
- LIMA, Fernando de Castro Pires de – *Adagiário Português*, Selecção e prefácio de F. C. P. de Lima; Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho; Gabinete de Etnografia; 1963; 183p.
- LIMA, José Augusto Pires de – *O Corpo Humano no Adagiário Português*; Porto; Ed. Altura; 1946; 181p.
- LOBO, D. Gaspar – *Adágios Portugueses escolhidos e postos em ordem Alfabética*; s.l.; 1835.
- LOPES, Ana Cristina Macário – “Provérbios: o “Eterno Retorno”” in: *Literatura Popular Portuguesa Teoria da Literatura Oral / Tradicional / Popular*; Lisboa; ACARTE / Fundação Calouste Gulbenkian; 1992; pp. 269-280.
- MALOUX, Maurice – *Dictionnaire des Proverbes Sentences et Maximes*; Paris; Librairie Larousse; 1980; 628p.
- MARÍN, Francisco Rodrigues – *Los 6666 refranes de mi última rebusca*; Madrid; 1934.;
- MATTOSO, José – *O essencial sobre os provérbios medievais Portugueses*; Lisboa; INCM; 1987; 60p.; col. Essencial; 24.
- MELLO, Fernando Ribeiro de – *Nova Recolha de Provérbios Portugueses e outros Lugares Comuns*. Lisboa; Ed. Afrodite; 1988 (3ª Ed.); 419p.

- MONTREYNARD, F; PIERRON, A.; SUZZONI, F. – *Dictionnaire de Proverbes et Dictons*; Paris; Le Robert; 1980.
- MOUTINHO, Francisco Antunes Pereira – *Adágios Populares*; Porto; 1991; 44p.
- OSÓRIO, Ana de Castro – “Alguns Provérbios Brasileiros e Portugueses” in: Po; Porto; 1928; nº 5; vol. I; pp. 225-231. “Provérbios Luso-Brasileiros e outras considerações folclóricas” In: Po; Porto; 1930; nº 15; vol. III; pp. 238-239.
- PEREIRA, Bento – *Florilégio dos modos de Falar e Adágios da Língua Portuguesa*; Lisboa; 1655.
- PINA MANIQUE, F. A. da Costa de – *Ensaio Fraseológico ou colecção de frases metafóricas, elegâncias, idiotismos, sentenças, provérbios e anexins da Língua Portuguesa*; Lisboa; 1856.
- PINTO-CORREIA, João David – “A Literatura popular e as suas marcas na produção Literária Portuguesa do século XX – uma Primeira Síntese” in: *Revista Lusitana* (NS), 9, 1988, pp. 19-45.
- IDEM – *O Essencial sobre o Romanceiro Tradicional*; Lisboa; INCM; 1986; Col. Essencial.
- PIRES, António Thomaz – “Tradições Populares Alentejanas” In: *Revista Lusitana*; Lisboa; 1887; nº 1; pp. 60-62; nº 2; pp. 132-133; 1890-1891; nº 3; pp. 253-254.
- ROLLAND, Francisco – *Adágios, Provérbios, Rífões e Anexins da Língua Portuguesa; tirados dos melhores autores nacionais e recopiados por ordem alfabética*; Lisboa; 1780; 144p.
- SALGADO, Pe. Caetano de Moura Palha – *Colecção de ditos agudos e bernardices*; Lisboa; Typ industrial; 1864; 48p.
- STº. ANTÓNIO, Frei Aleixo de – *Philosophia Moral – tirada de alguns provérbios ou adágios, amplificados com a authority da Sagrada Escritura, e Doutores que sobre ella escreveram*; Coimbra; Ed. Diogo Gomez de Loureiro; 1640.
- SANTOS, Nunes dos (Coord. e Selecção) – *Provérbios do Mundo*; Porto; Ed. Menabel; s./d; 120p.; Col. Retalhos nº 20.
- SILVA, Joaquim Lino da – “Os Adágios e a sua Recolha” in: *Revista Lusitana* (NS), 10; 1989; pp. 157-187.
- SILVA, Lúcio Craveiro da – “A Ética nos Provérbios Populares Portugueses” in: *Revista Portuguesa de Filosofia*; Braga; Julho-Setembro; 7; XIII; 3; 1957; pp. 303-311.
- SIMÕES, Alzira M. de Jesus – *O Porco: animal simbólico-cultural, visto através de provérbios portugueses*; Lisboa; FCSH-UNL; Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre; 1996; 248 p. (policopiado).
- SOUSA, Joaquim Pires de Lima Tavares de – “Algumas considerações acerca do Adagiário” in: *Actas do 1º Congresso de Etnografia e Folclore, promovido pela câmara Municipal de Braga (de 22 a 25 de Junho de 1956)*; vol. I; Lisboa; 1963; Junta da Acção Social, Plano de Formação Social e Corporativa; col. Bib. Social e Corporativa nº 25; pp. 363-367.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de – “Mil Provérbios Portugueses” in: *Revista Lusitana* (NS); 7; 1986; pp. 29-71.
- VITERBO, J. Santa Rosa de Sousa – “Materiais para o estudo da Paremiographia Portuguesa e Hespanhola” in: *Revista Lusitana*; Lisboa; 1897; nº. 1; vol. V; pp. 207-215.
- IDEM – *Refraneiro ou Adagiário Português*; nº. 10; Porto; Imp. Moderna; 1901.
- IDEM – “Materiais para o Estudo da Peramiographia Portuguesa” In: *Revista Lusitana*; Lisboa; 1902; nº 2; vol. 7; pp. 97-103; nº 3; pp. 161-166.